



M.R. - VAR-PALMARES
545 948330

A TORTURA A ESTELA

DILMA ERA TESOUREIRA DA VAR-PALMARES

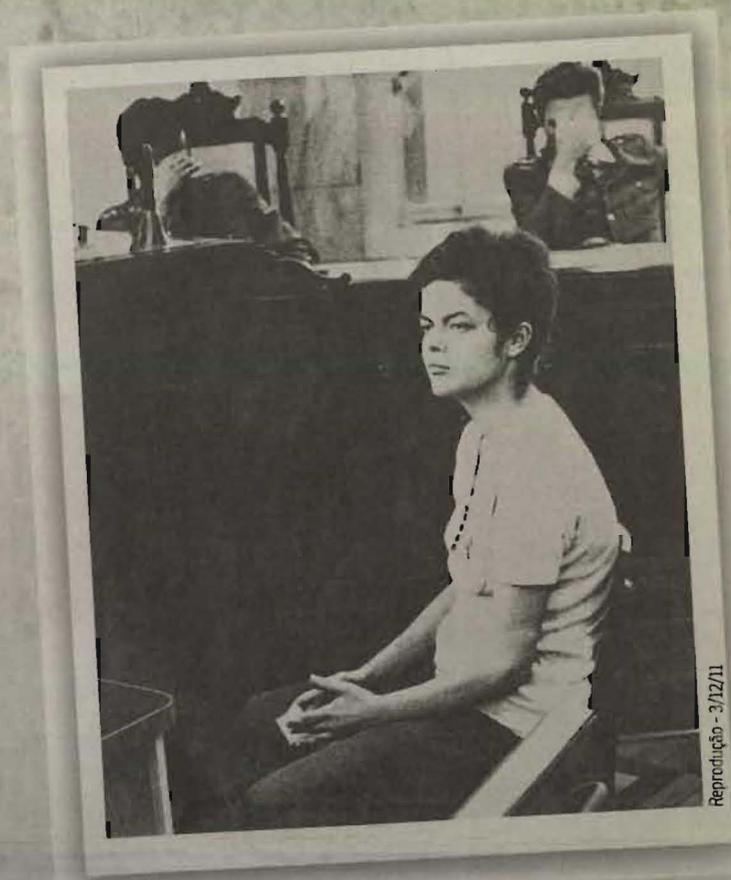
Presidente cuidava dos recursos financeiros da organização que lutava contra a ditadura. Em relatório de 1970, militares da Operação Bandeirante apontam a ex-militante como peça-chave para se chegar ao comando do grupo. Ela era monitorada constantemente

OSIE JERONIMO

Arquivos do Serviço Nacional de Informações (SNI) reúnem relatórios do "estouro de aparelhos da VAR-Palmares" em 1970 que apontam a atuação de Dilma Rousseff como uma espécie de tesoureira da organização em que militava. Ao entrar em imóveis utilizados pela Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), militares da Operação Bandeirante (Oban) relatam ter encontrado armas, munição, um mimeógrafo utilizado para rodar manifestos subversivos, documentos e um organograma que indica a posição que a atual presidente do Brasil e ex-militante Dilma ocupava na organização.

Os documentos, reunidos sob o título Recentes Diligências da Operação Bandeirante, indicam que os militares monitoravam as atividades financeiras de Dilma na VAR-Palmares, em São Paulo. Depoimentos de integrantes da organização e fragmento de relato registrado como de Dilma, quando esteve detida no presídio Tiradentes, indicam que ela era responsável por receber e repassar recursos do comando nacional da Var-Palmares para custear os setores de imprensa, operações, estudantil, operário e inteligência no estado.

Também recebia verbas de integrantes de "expropriação", composto por membros da organização encarregado dos furtos, arrecadação para compor o que era chamado de "fundos pa-



Reprodução - 3/12/11

Dilma Rousseff, aos 22 anos, em julgamento militar: sob vigilância constante do Exército



Arquivo Público Nacional

Reprodução das fotos de foragidos de 1970: Dilma aparece no canto superior direito

centes Diligências da Operação Bandeirante indicam que os militares monitoravam as atividades financeiras de Dilma na VAR-Palmares, em São Paulo. Depoimentos de integrantes da organização e fragmento de relato registrado como de Dilma, quando esteve detida no presídio Tiradentes, indicam que ela era responsável por receber e repassar recursos do comando nacional da Var-Palmares para custear os setores de imprensa, operações, estudantil, operário e inteligência no estado.

Também recebia verbas de integrantes de "expropriação", composto por membros da organização encarregado dos furtos, arrecadação para compor o que era chamado de "fundos para uma revolução popular". Esse montante não passava pelo comando nacional, sendo enviado diretamente para Dilma.

Transferência

Acompanhando os passos dela, os militares tinham informes que davam conta de sua transferência do Rio de Janeiro para São Paulo, com a missão de coordenar a organização. "Ultimamente, vinha operando na Guanabara. Foi mandada a São Paulo em dezembro de 1969 pelo Comando Nacional da Var-Palmares para reestruturar tal organização subversiva-terrorista." A Oban também tinha o objetivo de chegar ao comando da Var-Palmares por meio da militante. "Dilma Vana Rousseff Linhares, também conhecida pela falsa identidade de Maria Lúcia Santos, condinome Luiza. Membro muito importante da VAR-Palmares. Pertenceu à Colina, veio a São Paulo para reorganizar a Var-Palmares. Ela é o elemento de ligação com o Comando Nacional da VAR-Palmares, de quem recebe dinheiro para custear a subversão na área. Através dela se pretende chegar ao pessoal do Comando Nacional."

Apesar de os principais registros da atuação de Dilma durante o período militar serem de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, outras agências regionais do SNI emitiram informes relatando a influência da militante pelo país. No Arquivo Nacional, há registros das regionais de Recife, Goiânia e Brasília acompanhando os passos de Dilma nos movimentos antimilitares de seus estados.

Informe de 1969 relata reunião que Dilma teria tido com integrantes da VAR-Palmares em Sobradinho "Em junho de 1969, reuniu-se na casa de Carlos Avelino Fonseca Brasil — doutor Chico ou Chiquinho —, localizada próximo ao Hospital da Unidade Integrada de Sobradinho, Brasília-DF, para tratar de assuntos da VAR-Palmares. Nessa reunião estavam, além da nominada, Chiquinho, Ida Rechter, Raul do Vale Junior, esposo de Ida, e um funcionário do Inca."

Informantes

Em relatórios de conclusão de Inquérito Policial Militar (IPM), os agentes atribuem o sucesso do estouro dos aparelhos da VAR-Palmares e a desarticulação da organização às informações recebidas de contatos, listados como "informantes". O primeiro contato bem sucedido apontado pelos militares foi o preso que se tornou amigo de Angelo Pezzuti,



Dilma Rousseff, aos 22 anos, em julgamento militar: sob vigilância constante do Exército

Reprodução - 3/7/71



Reprodução das fotos de foragidos de 1970: Dilma aparece no canto superior direito

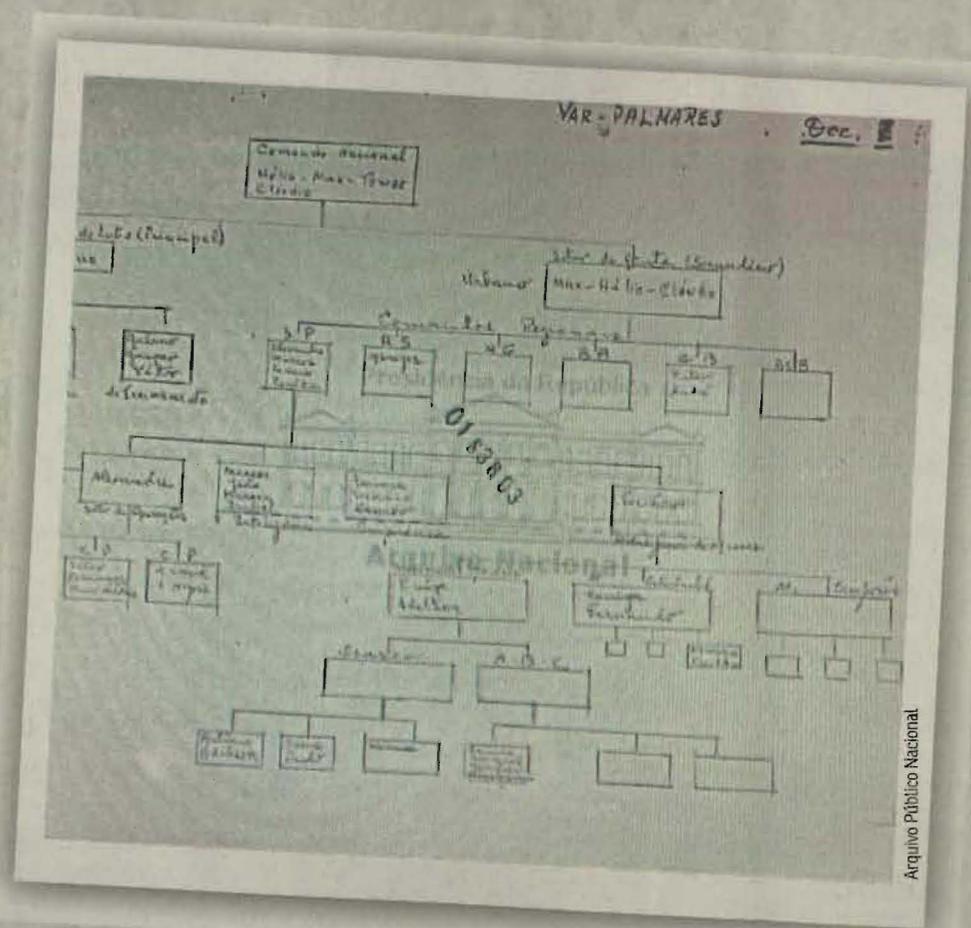
Arquivo Público Nacional



Dilma Vana Rousseff Linhares, também conhecida pela falsa identidade de Maria Lúcia Santos, condinome Luiza. Membro muito importante da VAR-Palmares. Pertenceu à Colina, veio a São Paulo para reorganizar a Var-Palmares"

Ela é o elemento de ligação com o Comando Nacional da VAR-Palmares, de quem recebe dinheiro para custear a subversão na área. Através dela se pretende chegar ao pessoal do Comando Nacional"

Trechos do documento Recentes Diligências da Operação Bandeirante



Arquivo Público Nacional

Organograma da VAR-Palmares: Dilma aparece à direita, identificada como Luiza

ainda na Colônia Magalhães Pinto, em Belo Horizonte. Os militares se gabam de o preso ser um "servidor da polícia" e registram que ele entregou o militante e que enviou bilhetes a Dilma pedindo ajuda para fugir da penitenciária. Em outro IPM, os militares listam nome de sete informantes, entre bancários, médico e funcionários públicos, que teriam ajudado na operação que levou à prisão de militantes, incluindo Dilma Rousseff.

Interferência no rádio falhou

No organograma da VAR-Palmares, o ex-marido de Dilma Rousseff, Carlos Franklin Paixão de Araújo, também conhecido como Max, figurava como um dos principais líderes da organização. A posição custou a ele severa sessão de depoimentos e acareações, de acordo com documento do Ministério do Exército, que também faz parte do acervo do Arquivo Nacional.

No termo de declaração de 4 de setembro de 1970, os militares registraram relato de Araújo sobre o plano da VAR-Palmares "do sequestro com resgate monetário de um indivíduo dono do supermercado Pão de Açúcar" identificado como Manoel. Ele também teria relatado processo de compra de armamento para a organização. Uma das transações teria ocorrido por meio da "regional de Brasília", onde o militante "Tião" foi encarregado de comprar metralhadoras, mas "desapareceu com o dinheiro". A outra transação teria ocorrido no Rio de Janeiro, mas os integrantes da Var-Palmares destacados para a compra de armamento foram presos, frustrando a ação.

Nas acareações a que Araújo foi submetido, ele contou aos interrogadores que a organização tinha um "projeto de comunicações", com o objetivo de construir uma emissora para transmitir sinal de rádio, de Belém a Porto Alegre. O objetivo era interferir nos programas de grande audiência, com a participação de integrantes da Var-Palmares lendo manifestos políticos que informassem a sociedade sobre os crimes praticados pelo governo militar. "O interrogado esclarece que nada foi feito por não concordar com o mesmo, porque o segundo pedido era completamente impraticável", conclui o relatório militar. (J)